

pouco caso dos poderes e sortilégios da liquidez: a cobra “encarnação da morte” que escapa dos maços de dólares é, a meu ver, uma criativa metáfora das “bolhas” financeiras que ao estourarem arruinam a vida de tantos que acreditaram na segurança e conforto de um “efeito riqueza” sem fim.

A teoria do “fetiche da liquidez” de Keynes ganha, assim, uma roupagem cinematográfica nas cenas que envolvem Budd (representando o homem contemporâneo médio) e a mala repleta de dólares acompanhada da “encarnação da morte”.

Cenas do Kill Bill II

O homem contemporâneo médio “idolatra” a liquidez como um fetiche, mas paradoxalmente essa idolatria tem um forte componente de realidade e necessidade. Não se pode viver sem o dinheiro, uma vez que praticamente todas as relações sociais fundamentam-se em relações mercantis e, portanto, “liquidação” de compras e vendas à vista e a prazo; o dinheiro serve ainda como depósito de valor, pode ser conservado como garantia contra eventualidades futuras e, sobretudo no diz respeito a liquidez internacional, o dólar, com perda mínima de seu poder de compra. O homem contemporâneo “percebe” o dinheiro como algo vital em sua vida, pois com ele não apenas tem acesso ao mundo das mercadorias e serviços, mas graças a ele é reconhecido socialmente como pessoa. É como se sua individualidade e personalidade somente ganhasse expressão através do dinheiro e das propriedades do dinheiro: o homem é homem, pensa, relaciona-se com os outros, ama e vive, coloca em ação suas potencialidades humanas somente com e através do dinheiro.

O dinheiro por vital que seja nas relações sociais é também percebido pelo homem contemporâneo como uma maldição, como a cobra traiçoeira que encarna a morte. O homem contemporâneo percebe o dinheiro como algo imprescindível, como uma chave que lhe todas as portas, mas ao mesmo tempo amaldiçoa-o, como uma “coisa que não tem nome”, a própria morte. Em termos históricos, basta lembrar das guerras recentes e antigas que foram travadas, com ou sem disfarces, em nome dele, do “vil metal”.

A percepção do homem contemporâneo sobre as potências divinas do dinheiro faz lembrar do início da introdução da maquinaria em fins do século XVIII. As máquinas vinham com a promessa de libertar o homem do peso do trabalho monótono e sem sentido, mas ao longo pelo menos da primeira metade do século XIX nos países de industrialização pioneira, os trabalhadores não apenas foram obrigados a trabalhar mais (executando tarefas mais repetitivas do que aquelas que exerciam quando trabalhavam com ferramentas manuais) como ganharam menos com isso. A máquina nos albores da revolução industrial era para os operários a própria “encarnação da morte”: tinham o poder divino de gerar uma riqueza imensamente maior, empregando cada vez menos homens, substituindo os velhos trabalhadores com grande qualificação manual. Os trabalhadores da velha revolução industrial amaldiçoavam as potências divinas da maquinaria com as únicas armas de que dispunham na infância do movimento operário: a destruição de máquinas e dos edifícios industriais.

Vê-se, então, que a percepção média que o homem contemporâneo tem do dinheiro, retratada em “Kill Bill 2”, guarda relação com a ingênua luta dos trabalhadores luddistas da Inglaterra de meados do século XIX. Tal como eles, não se reconhece por traz do “véu monetário” as relações sociais que tornam o dinheiro produto social, resultado de relações sociais historicamente determinadas e, portanto, criaturas sociais. O dinheiro ao ser “fetichizado” como um ídolo mostra como o homem, o criador, se rendeu diante da sua criatura: a liquidez nas relações vitais diárias aparenta ter poderes quase divinos, inexplicáveis pela razão, como “encarnar a morte” ao mesmo tempo em que possibilita a vida. Keynes, na sua realista visão sobre o capital e o capitalismo, acertou quando refletiu sobre o “fetiche da liquidez”.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.